



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

KAROLINY MEDEIROS URBANO

**A MEDIOCRIDADE DA VIDA DIANTE DA IMINÊNCIA DA MORTE, À LUZ DA
FILOSOFIA EXISTENCIALISTA, NA MORTE DE IVAN ILITCH, DE LIEV
TOLSTÓI**

CAMPINA GRANDE

2022

KAROLINY MEDEIROS URBANO

**A MEDIOCRIDADE DA VIDA DIANTE DA IMINÊNCIA DA MORTE, À LUZ DA
FILOSOFIA EXISTENCIALISTA, NA MORTE DE IVAN ILITCH, DE LIEV
TOLSTÓI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura

Orientador (a): Prof. Dra. Silvanna Kelly Gomes de Oliveira

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

U72m Urbano, Karoliny Medeiros.
A mediocridade da vida diante da iminência da morte, à luz da filosofia existencialista, na morte de Ivan Ilitch, de Liev Tolstói [manuscrito] / Karoliny Medeiros Urbano. - 2022.
35 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Silvana Kelly Gomes de Oliveira, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Literatura. 2. Filosofia. 3. Existencialismo. 4. Morte. 5. Mediocridade. I. Título

21. ed. CDD 142.78

KAROLINY MEDEIROS URBANO

A MEDIOCRIDADE DA VIDA DIANTE DA IMINÊNCIA DA MORTE, À LUZ DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA, NA MORTE DE IVAN ILITCH, DE LIEV TOLSTÓI.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura russa

Aprovada em: 01/08/22

BANCA EXAMINADORA

Silvanna Kelly Gomes de Oliveira
Profa. Dra. Silvanna Kelly Gomes de Oliveira / UEPB
Orientadora

Luciano Barbosa Justino
Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino / UEPB
Examinador interno

Gilmara Coutinho Pereira
Prof. Dra. Gilmara Coutinho Pereira / UEPB
Examinadora externa

À minha mãe, Marilene, e à memória de meu pai, Bosco, dedico.

E quanto mais longe da infância, quanto mais perto do presente, tanto mais insignificantes e duvidosas eram as alegrias. [...] quanto mais avançava a existência, mais morto era tudo (TOLSTÓI, 2009, p. 67).

RESUMO

Este trabalho pretende realizar uma leitura teórico-analítica acerca da obra *A morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tolstói, publicada em 1886. A referida análise tem como principal objetivo esmiuçar o teor existencialista presente na narrativa, ilustrado, predominantemente, pela personagem protagonista da novela. Este esmiuçamento contou, como subsídio teórico, com as contribuições da Filosofia existencialista, transitando desde o seu precursor Kierkegaard, no século XIX, até os filósofos existencialistas do século XX, como Jean Paul Sartre, nome de muito interesse a esta doutrina. A metodologia adotada para a execução desta pesquisa foi de caráter bibliográfico, na qual foram explorados livros e artigos acerca da temática de interesse. Após a materialização do diálogo entre Filosofia e Literatura, foi obtido, como resultado, a validação de que a personagem protagonista constitui uma personalidade existencialista ateísta, bem como a comprovação da efemeridade daquilo que foi tido como essencial para a personagem em questão, o que tornou possível, ainda, a demonstração do quão atual é a realidade exposta no drama aqui analisado.

Palavras-chave: Literatura. Filosofia. Existencialismo. Morte. Mediocridade.

ABSTRACT

This work intends to carry out a theoretical-analytical reading about the work *The Death of Ivan Ilych*, by Leo Tolstoy, published in 1886. This scrutiny relied, as a theoretical subsidy, on the contributions of existentialist philosophy, moving from its precursor Kierkegaard, in the 19th century, to the existentialist philosophers of the 20th century, such as Jean Paul Sartre, a name of great interest to this doctrine. The methodology adopted to carry out this research was bibliographic, in which books and articles on the topic of interest were explored. After the materialization of the dialogue between Philosophy and Literature, it was obtained, as a result, the validation that the protagonist character constitutes an atheistic existentialist personality, as well as the proof of the ephemerality of what was considered essential for the character in question, which made it also possible to demonstrate how current is the reality exposed in the drama analyzed here.

Keywords: Literature. Philosophy. Existentialism. Death. Mediocrity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LITERATURA RUSSA E TOLSTÓI	11
2.1 Tolstói e outros autores russos	11
2.2 Relação entre o eu biográfico e o eu ficcional	14
3 EXISTENCIALISMO E LITERATURA	17
3.1 Existencialismo(s)	17
3.2 Mediocridade da vida na morte de Ivan Ilitch	20
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se debruçou sobre a vinculação entre Filosofia e Literatura. Em se tratando da primeira, foram utilizadas, como subsídio teórico, as contribuições da Filosofia existencialista, abarcando uma segregação proposta por Sartre (2014), em seu livro intitulado *O existencialismo é um humanismo*, no qual o filósofo francês especificou a existência de dois grupos, no que tange àqueles simpatizantes desta doutrina, cuja principal característica de divergência, entre ambos, é a fé cristã e a ausência da mesma, ou seja: os existencialistas cristãos e os ateístas (grupo no qual Sartre se insere).

Somado a isto, também foram consideradas as colaborações daquele que é tido como o pioneiro desta Filosofia: o dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard, bem como foram mencionados outros nomes de interesse a esta pesquisa, como Martin Heidegger, Friedrich Nietzsche e Jack Reynolds (2013). Fato é que coube a Sartre ser o responsável por propagar e, de certa forma, tornar popular e acessível, ao menos uma noção básica do que significa o existencialismo, visto que este tornou-se alvo de críticas e concepções errôneas.

No que diz respeito à Literatura, para que fosse possível a efetivação da vinculação supracitada, foi utilizada como *corpus* de análise a novela intitulada *A morte de Ivan Ilitch*, cuja autoria é do escritor russo Liev Tolstói, que viveu no século XIX e concretizou-se como um dos grandes nomes da Literatura universal. Esta obra, publicada em 1886, foi considerada pelo também escritor russo, autor de *Lolita*, Vladimir Nabokov, como uma das obras máximas da Literatura russa.

Em referência à metodologia empregada no decorrer deste trabalho, é válido salientar que concerne a um estudo de cunho bibliográfico, que teve como base uma abordagem teórico-analítica, visando esclarecimentos diante das considerações feitas sobre a obra examinada, à luz da teoria existencialista, bem como, além disso, uma leitura pessoal acerca da mesma.

A título de um breve resumo a respeito do que trata a obra, a fim de otimizar, também, a leitura e compreensão da análise a seguir exposta, vejamos: Tolstói insere o leitor, com maestria, na psique humana, ao apresentar um burocrata russo, de nome Ivan Ilitch Golovin, que constrói uma vida voltada, desde a sua infância, à suprir as expectativas alheias; deste modo, ele traça uma existência carente de autenticidade, morna, sempre agradável aos olhares externos, enquanto se distancia de sua individualidade para inserir-se numa multidão materialista, hipócrita e supérflua que compõe o superestimado sistema social vigente.

Sua vida corre da maneira esperada e considerada correta, por ele e, antes disso, pelos que compunham a alta classe: forma-se em Direito, vai subindo os degraus da hierarquia trabalhista e alcança um elevado cargo no Ministério da justiça ao tornar-se juiz de instrução. Casa-se com uma moça de família nobre, por conveniência, têm filhos, uma vida estável e uma casa cuja decoração com certeza seria aprovada pelos nobres que ele tanto admirava. “[...] em geral, a vida de Ivan Ilitch, continuava a desenvolver-se do modo que ele julgava adequado: agradável e decentemente” (TOLSTÓI, 2009, p. 27).

O drama desta história surgirá após um acidente doméstico sofrido por Ivan Ilitch, que faz com que a vida fuja de seu controle e provoca a emergência (sob forma de tormentos existenciais) de indagações acerca de um possível engano a respeito daquilo que ele priorizou em toda a sua vida, ao se dar conta que, na busca de um sentido coerente que valide sua existência, percebe-se sem respostas.

Esta pesquisa tem, por objetivos, evidenciar a maneira a partir da qual o autor alcança determinados pontos sensíveis à validação da existência humana, seja por meio da profissão, amigos, familiares ou perante pequenos gestos humanizadores, personificados pelo papel do criado; ponderar as consequências nocivas de uma vida medíocre direcionada a suprir as expectativas depositadas sobre Ivan Ilitch, e como isso contribuiu para a elevação de sua agonia física e moral.

Ademais, à luz das considerações finalmente adquiridas sobre a análise aqui executada, este trabalho objetiva exprimir que a personagem protagonista se enquadra numa personalidade existencialista ateuista, devido aos seus monólogos interiores que evidenciam o questionamento da existência Divina, tendo em vista que, para ela, a morte é uma grande injustiça, principalmente para um sujeito que viveu de maneira decente, tendo sido um exemplo de filho, profissional e pessoa.

Outrossim, foi realizada uma análise, no que diz respeito ao desenrolar da história, acerca de três estágios narrativos, propostos por Júnior (2019), que equivalem ao nó, clímax e desfecho da trama. Cada uma dessas etapas contribui para a configuração do enredo, demarcando, respectivamente, aquilo que muda a linearidade que vem sendo proposta; aquilo que marca o ápice do drama em questão e, em terceiro lugar, o que expressa uma espécie de relaxamento e resolução do conflito dramático marcado pelo clímax, que diz respeito à morte de Ivan, esclarecida já desde o título da obra.

A morte de Ivan Ilitch é, sobretudo, um livro sobre a vida, cuja mediocridade acentua-se diante da iminência da morte, de maneira que, quando nada mais pode ser feito além da aceitação de sua finitude, o homem busca, voltando-se ao seu passado e analisando sua

trajetória, encontrar subterfúgios que justifiquem e construam um sentido à vida que levou. E daí surgem os indagamentos existencialistas. A dor moral torna-se, então, gritante e insuportável, diante da conclusão de que aquele sentido, na verdade, não existe.

2 LITERATURA RUSSA E TOLSTÓI

2.1 Tolstói e outros autores russos

É sabido da grandiosidade universalmente atrelada à Literatura russa clássica, mais especificamente àquela datada do século XIX. Sendo obras que atravessaram gerações, são ainda referenciadas na contemporaneidade cujos estudos se debruçam, também, sobre a configuração que faz com que aquelas sejam tão atuais, nos permitindo relacioná-las, concomitantemente, com fatos e mecanismos sociais de nossa vivência atual. Tal característica remete a uma das diversas definições da Literatura clássica, sendo esta apresentada por (CALVINO, 1993, p. 12), quando este afirma que “os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos.”

Com vistas a uma análise semiótica realizada pelo historiador cultural russo Yuri Mikhailovich Lotman (2014, p. 3) no que diz respeito à Literatura russa do período clássico, ele afirma que tal período “manifesta certa unidade estrutural, que pode ser percebida com clareza por observadores externos; porém, ao mesmo tempo, ela se divide no seu interior em dois diferentes modos estruturais: o sistema binário e o ternário.” No que diz respeito ao primeiro modo, Lotman (2014) afirma tratar-se da binaridade entre o bem e o mal, fator característico das personagens constituintes das obras de Lérmontov, Gógol e Dostoiévski; a título de exemplificação, este último lembra-me a inquietude psicológica de Raskolnikov entre o certo e o errado, no clássico *Crime e castigo*.

Em se tratando do segundo modo: o ternário, Lotman (2014, p. 5) afirma que este “inclui o mundo do mal, o mundo do bem e o mundo desprovido de uma avaliação moral única e caracteriza-se pela existência”. Neste modo, estão presentes autores como Púchkin, Tolstói e Tchékhev. Ele também reitera que “é típico que na obra de Tolstói encontremos personagens [...] de autodesenvolvimento e autoavaliação”. Ademais, ainda segundo o semioticista, “O centro das atenções aqui é o mundo da vida comum”, característica cuja relação com o modo de vida comum admirado por Liev Tolstói e, também, pela personagem Ivan Ilitch, será tratada minuciosamente no decorrer desta pesquisa.

Outra característica relevante do modo ternário é que o social funciona como uma invasão do mal, ou seja, é a ação do externo/social fazendo com que o sujeito se distancie do

seu caráter genuíno; traço marcante na vida de Ivan Ilitch, ao distanciar-se da infância e ingressar na vida adulta. Como aval ratificante disto, Lotman (2014, p. 6) define que “em Tolstói, a realidade entra em conflito com o esquema ideológico” e este conflito persegue os questionamentos existenciais do juiz de instrução (personagem aqui mencionada).

Sendo frequentemente citado como um dos grandes nomes da Literatura universal, assim como o também russo Fiódor Dostoiévski, Liev Tolstói (1828 - 1910) foi responsável, ao longo de sua vida, pela escrita de obras consagradas, quando nos referimos aos clássicos. Dentre grandes romances, contos e novelas, destaca-se, nesse último grupo, *A morte de Ivan Ilitch*, sendo considerada por muitos como a novela mais perfeita já escrita.

Tendo sido um aristocrata russo da alta sociedade, o autor foi um grande questionador dos ensinamentos da igreja ortodoxa cristã russa (chegando a ser excomungado da mesma em 1901); de sua própria fé e do sentido da vida; bem como um admirador da simplicidade presente na vida dos pobres e humildes mujiques russos, característica sobre a qual falarei mais adiante, pois mantém forte relação com a obra aqui analisada. Em suas falas tidas como polêmicas, a respeito da hipocrisia vivida pelos fiéis da fé ortodoxa, ele afirmou que

Hoje, como antigamente, a aceitação e a confissão declaradas da fé ortodoxa se encontram, na maior parte, em pessoas estúpidas, cruéis, imorais, que se julgam muito importantes. Já a inteligência, a honestidade, a retidão, a generosidade e a moral se encontram, na maior parte, em pessoas que se declaram sem fé (TOLSTÓI, 2017, p. 17).

Em 1879, Tolstói escreveu uma obra intitulada *Uma confissão* na qual encontram-se relatos autobiográficos descritos por ele mesmo, a respeito de momentos marcantes em sua vida, como os conflitos com a igreja e uma fase conturbada de sua vida pessoal e profissional, marcada por momentos de autoavaliação, sobre a qual ele escreveu

Minha vida parou. Eu podia respirar, comer, beber, dormir, porque não podia ficar sem respirar, sem comer, sem beber, sem dormir; mas não existia vida, porque não existiam desejos cuja satisfação eu considerasse razoável. Se eu desejava algo, sabia de antemão que, satisfizesse ou não meu desejo, aquilo não daria em nada (TOLSTÓI, 2017, p. 35).

O clássico escritor russo passou, na década de 1880, por uma fase crucial em sua vida, tida como a fase de crise existencial e moral, na qual produziu escritos de teor religioso e enfrentou muitas mudanças comportamentais ao longo de seu aprofundamento cristão, como o desejo de abdicar de todas os seus bens, incluindo abrir mão dos direitos autorais de suas obras, parar de fumar, tornar-se vegetariano, aderir à abstinência sexual, passar a vestir-se como um camponês russo (grupo pelo qual ele alimentava forte admiração) e recusar-se a ser servido por

empregados. Era no estilo de vida simples que Tolstói acreditava estarem centradas a fé e a vida baseada no amor desinteressado.

O desnudamento da alma humana costuma fazer parte da temática das obras tolstoianas, uma vez que estas exploram, minuciosamente, a consciência humana, descrita por meio de monólogos fortes e carregados de reflexões sobre a vida, a morte e as relações interpessoais, como é o caso dos monólogos de Ivan Ilitch (personagem principal desta obra em questão). Desde as primeiras obras do autor, pode-se notar um quê existencialista, ilustrado por personagens que, em algum momento, se mostram insatisfeitos, questionadores e caçadores de respostas às suas grandes questões existenciais; personagens de autoavaliação.

Nesta referenciada fase de crise existencial, Tolstói chegou a ter pensamentos suicidas e dar uma pausa em sua produção literária, tendo em vista que estava focado em escritos religiosos e também de teor pedagógico, chegando a fundar, como descreve em seus relatos de *Uma confissão*, uma escola para os filhos dos camponeses russos, pois se preocupava com a educação dos mais pobres. Neste momento de pausa da produção literária, o também aclamado autor russo Ivan Turgueniev (em seu leito de morte) chegou a escrever uma carta a Tolstói, suplicando que este voltasse para a Literatura. Após essa fase, ao retornar para a produção literária, a primeira obra escrita pelo autor foi esta aclamada novela aqui sob análise, na qual pode-se encontrar traços semelhantes aos acontecimentos de sua vida.

O contexto social no qual Liev Tolstói estava inserido, na Rússia czarista do século XIX, fazia com que fizesse parte da alta sociedade nobre privilegiada e, mesmo assim, tivesse a sensibilidade de observar como essa discrepância social se demarcava, em detrimento das classes menos favorecidas, o que contribuiu fortemente para que ele, não só se apiedasse dos fragilizados, aderindo, em determinado momento, a um estilo de vida minimalista igual ao destes, mas também pudesse inserir em seu fazer literário as marcas desta desigualdade social. Além disso, ele observava a superioridade espiritual destas pessoas comuns que, não possuindo riquezas materiais, possuíam algo bem mais valioso, nobre e digno de admiração.

Os camponeses caracterizavam-se por princípios dos quais a classe alta era carente, segundo os relatos do autor, nos quais ele escancara a hipocrisia vivida pela nobreza russa. Os mujiques detinham um olhar humanizador sobre a vida, marcado pela prática real e concreta de uma fé que, para a igreja ortodoxa da Rússia, funcionava apenas como algo distante da vida cotidiana e que nunca servia para afetar as relações sociais. Os fiéis ortodoxos consideravam esta fé apenas no mundo idealista, em momentos específicos, mas jamais a praticavam, pois tratava-se de grupos cujo objetivo era baseado na aquisição de bens materiais e na ocupação de importantes cargos, assim como era reproduzido pela maioria.

2.2 Relação entre o eu biográfico e o eu ficcional

É notória certa afinidade entre alguns personagens de Tolstói e o seu eu biográfico. Uma das principais características desta semelhança é o teor de questionamento existencial que se mostra muito forte na personagem de Ivan Ilitch, assim como na fase de crise existencial do autor. Numa pesquisa biográfica sobre Tolstói, torna-se confirmada a tese de que ele imprimiu em seus personagens ficcionais características de momentos vividos por ele mesmo, e trouxe à tona questionamentos sobre a vida e a maneira como ela é vivida que, na verdade, tiveram origem em momentos reais de sua existência.

Sua obra *Uma confissão*, aqui já citada, cuja publicação foi barrada na Rússia, pois tais escritos provocaram um grande choque à igreja ortodoxa e às crenças dominantes daquela época, é um valioso registro de sua crise de fé, cuja origem deu-se a partir de seu questionamento sobre o real sentido da vida. A publicação oficial desta obra só se efetivou, no país, em 1882. Outros pontos relevantes e chocantes deste livro são os questionamentos de vida expostos de maneira consciente e evidente, como sendo a voz da consciência humana pedindo para ser ouvida, enquanto o “eu” segue, mecanicamente, padrões postulados socialmente e a ignora. Neste livro polêmico à sua época, Tolstói evidencia a fragilidade e a hipocrisia da doutrina religiosa vigente por meio de trechos como o seguinte:

Parece-me que, na maioria dos casos, se passa assim: as pessoas vivem como todos vivem, e vivem com base em princípios que não só não têm nada de comum com a doutrina religiosa como, na maior parte, são contrários a ela; a doutrina religiosa não participa da vida, nunca serve para afetar as relações com os outros nem serve para guiar a vida pessoal; é professada em qualquer outro lugar, longe da vida, e de forma alheia a ela. Se deparamos com a doutrina religiosa, é apenas como um fenômeno exterior, sem relação com a vida (TOLSTÓI, 2017, p. 16).

Neste relato autobiográfico, além de percebermos que o autor buscava sua exclusão daquele estilo de vida superficial, também contamos com descrições a respeito de sua trajetória desde a época de estudos, passando por sua fase boêmia, na qual gastou muito com jogos; sua ida à Guerra da Crimeia (1853 - 1856) fase em que começou a escrever apenas por “ vaidade, cobiça e orgulho”, segundo ele mesmo, até seu casamento, época na qual viajou para a Europa e, retornando, em 1861, ano de emancipação dos camponeses russos, no qual o czar Alexandre II havia decretado o fim do regime de servidão, começou a executar, nas escolas, seus

aprendizados adquiridos no exterior a fim de gerar uma melhoria na vida daquelas pessoas sem instrução formal.

Tolstói relata, também, o surgimento da sua inquietude sobre a vida e sobre o porquê da repetição de ações tidas como relevantes pela maioria; entretanto, se ele se pusesse a pensar sobre o motivo de agir de determinadas maneiras, não encontrava respostas, o que fazia com que tal incógnita fosse tornando-se cada vez maior. Tais indagações sempre vinham à tona, enquanto ele as ignorava e imaginava que, no momento em que quisesse, se dedicava a estas perguntas e as resolveria de imediato.

A respeito deste adiamento da confirmação de que não via sentido na vida que levava, ele pensava “Tudo se desenvolve e eu também me desenvolvo; mas com que finalidade me desenvolvo junto a todos, isso se vê depois”. Foi aí que ele sentiu a necessidade de buscar seu auto aperfeiçoamento, quando se deu conta que, ao se dedicar àquelas indagações que estavam surgindo com maior frequência, não conseguiu solucioná-las, pois tudo parecia-lhe banal, supérfluo e incoerente.

A escrita, a princípio, para ele, era algo sem muita relevância, e usada apenas para camuflar a emergência daquelas questões existenciais. Alguns anos após ter se casado, ele afirma que

No decorrer desses quinze anos, embora eu achasse que escrever era uma bobagem, continuei a escrever mesmo assim. Já havia provado a tentação de escrever, a tentação da imensa recompensa pecuniária e do aplauso em troca de um trabalho insignificante, e me entregava a isso como um meio de melhorar minha situação material e de sufocar, na alma, quaisquer questões sobre o significado da minha vida e da vida em geral (TOLSTÓI, 2017, p. 32).

No que diz respeito à semelhança entre os dois “eus” que dão título a este tópico, vejamos, respectivamente, a agonia de Tolstói ao perceber a ausência de respostas para as suas incógnitas existenciais e, em seguida, os indagamentos da personagem Ivan Ilitch (enquanto figura ilustrativa do eu ficcional) após a constatação de sua doença incurável.

No entanto, as questões se repetiam, cada vez mais frequentes, exigiam, cada vez mais insistentes, respostas e, como pontos que caem sempre no mesmo lugar, essas questões sem resposta foram se juntando e formando uma única mancha preta (TOLSTÓI, 2017, p. 33).

Já sabido que sua doença não teria cura, mas ainda numa fase de negação da morte, em meio às suas reflexões sobre a vida que levou, num estado denominado pelo narrador como estado de "semi-inconsciência", enquanto relembra sua infância e percebe que, quanto mais se

distanciava desta, ou seja, quanto mais constituinte da vida adulta, mais insignificantes e duvidosas tornavam-se as alegrias, Ivan Ilitch, em um dos seus profundos monólogos, questiona

Mas o que é isto? Para quê? Não pode ser. A vida não pode ser assim sem sentido, asquerosa. E se ela foi realmente tão asquerosa e sem sentido, neste caso, para quê morrer, e ainda morrer sofrendo? Alguma coisa não está certa. Talvez eu não tenha vivido como se deve - acudia-lhe de súbito à mente (TOLSTÓI, 2009, p. 67).

Evidencia-se, deste modo, o forte teor existencialista que marca e polemiza a vida do autor, na sua chamada crise supracitada, bem como o mesmo drama vivido pela personagem protagonista da novela, cuja consciência, a partir de seu estado enfermo e limitado, faz cair por terra tudo aquilo que, durante toda a vida, mediante a aprovação alheia, ele tomou como único e verdadeiro. A personagem, em meio à constante negação da morte, afirma-se revoltada diante de tamanho sofrimento em seus últimos dias de vida, pois, tendo sido um homem que fez tudo como deveria ser feito, trata-se de uma grande injustiça. As suas últimas conclusões voltam-se, finalmente, para a confirmação de que levar uma vida de aparência enquanto ignora sua própria essência não foi, nem de longe, a melhor escolha.

3 EXISTENCIALISMO E LITERATURA

3.1 *Existencialismo(s)*

Tomemos por existencialismo, grosso modo, uma doutrina filosófica e literária que traz uma reflexão ao ser humano sobre a liberdade e o direito de escolha mediante sua existência, com vistas à construção de sua subjetividade. Este movimento, predominantemente situado na Europa, mais especificamente na França, no século XX, teve grande divulgação por meio do nome do filósofo Jean Paul Sartre (sobre o qual falarei mais adiante), que tornou-se, então, o maior representante deste movimento, ao qual muitos atribuem a “criação” desta filosofia, entretanto, aquele a quem primeiro foi atribuído o adjetivo de existencialista, trata-se do filósofo, teólogo e poeta dinamarquês Kierkegaard, que viveu no século anterior à Sartre e a outros nomes de sua época também caros a este movimento.

Em seu livro intitulado *Existencialismo*, o filósofo Jack Alan Reynolds, reitera a força com que esta filosofia conseguiu captar a atenção do público, lembrando o número de quase cem mil pessoas presentes no funeral de Sartre, bem como o quanto obras existencialistas como *A náusea*, de Sartre, *O estrangeiro*, de Alberto Camus e *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, foram vorazmente lidas e aclamadas pela crítica no século XX. Ele também afirma que a popularização do existencialismo, por meio das manifestações literárias, contribuiu para que aquele público consumidor tivesse, pelo menos, uma compreensão básica e provisória do que ele significa, sem necessariamente ter acesso direto aos teóricos deste ramo. Em se tratando dessa disseminação existencialista, Reynolds afirma ainda que

Existem obviamente muitas razões para esse fenômeno fundamentalmente filosófico capturar a atenção do público do modo que o existencialismo o fez, notadamente, a Segunda Guerra Mundial e a ocupação alemã da França, que intensificaram as preocupações existenciais com liberdade, responsabilidade e morte (REYNOLDS, 2013).

Pode-se considerar, então, duas divisões a respeito dos filósofos existencialistas: uma relacionada ao tempo e outra relacionada à fé cristã (ou ausência dela). Em se tratando do primeiro critério, consideremos alguns nomes principiantes, como o já mencionado primeiro existencialista, Kierkegaard e Friedrich Nietzsche, situados no século XIX. Por outro lado, temos aqueles que se situam no século XX, vistos como contemporâneos, “ou o que poderíamos denominar os existencialistas ateístas” apesar que o ateísmo não seja uma característica necessária ao pensamento existencial (REYNOLDS, 2013).

O apontamento agora feito ao ateísmo norteia para a menção da segunda categoria proposta, que independe do século no qual se situou e foi, inclusive, uma divisão de grupos sugerida por Sartre, numa conferência proferida em Paris, em 1945. Rebatendo à diversas críticas feitas ao existencialismo, Sartre busca, por meio desta palestra, esclarecer seu significado e afirma que

O que torna as coisas complicadas é que existem duas espécies de existencialistas: os primeiros, que são cristãos, e entre os quais eu listaria Jaspers e Gabriel Marcel, de confissão católica; e, por outro lado, os existencialistas ateus, entre os quais é preciso colocar Heidegger, e também os existencialistas franceses e eu próprio (SARTRE, 2014, p. 17-18).

Aquela conferência dada por Sartre, ao ser transposta à modalidade escrita, deu vida a um breve livro intitulado *O existencialismo é um humanismo*, que reúne as defesas de Sartre para as críticas mal construídas e incoerentes, dirigidas ao existencialismo, bem como para tornar acessível um conceito esclarecido a respeito do mesmo. Sendo um dos grandes responsáveis pela propagação desta filosofia, se dirigindo àqueles aos quais possa causar estranheza o fato de ele tratar de humanismo (presente no título do livro mencionado) ele visa deixar claro o sentido no qual entende humanismo e afirma que

De qualquer forma, o que podemos dizer desde o princípio é que, por existencialismo, entendemos uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana (SARTRE, 2014, p. 16).

Dando sequência ao seu discurso, o filósofo afirma que uma das principais críticas recebidas é a de que o existencialismo acentua o lado ruim da vida humana, e por este motivo, também dizem que eles são naturalistas, mas o autor rebate a esta afirmação, acentuando que “é de estranhar que inquietemos e escandalizemos as pessoas muito mais do que o naturalismo propriamente dito inquieta e causa indignação hoje em dia” (SARTRE, 2014, p.16).

Antes de adentrar na conceituação que ele apresenta dos existencialismos cristão e ateu, ele questiona se, na verdade, o que tanto amedronta as pessoas nesta doutrina não seria, de fato, a possibilidade de escolha que ela proporciona ao ser humano. Pode-se afirmar, então, que é nesta liberdade que se configura a subjetividade humana, termo inerente à doutrina existencial, sobre o qual falarei melhor a seguir.

Que “a existência precede a essência” (SARTRE, 2014, p. 18) é uma das principais máximas existencialistas, não se pode negar. Entretanto, atreladas a esta famosa frase, há algumas interpretações errôneas, às quais ele, também, visa o esclarecimento; e é por meio da explicação desta oração que ele irá diferenciar o existencialismo cristão, que precede uma

determinada natureza humana, do ateu, que se fortalece na tese da subjetividade humana, bem como afirmar que este último, no qual ele está inserido, trata-se do mais coerente em detrimento do primeiro.

Sartre menciona, para ilustrar tal diferenciação, um corta-papel, que é um objeto fabricado por alguém, sob um conceito e/ou uma fórmula já existente. Este objeto já possui uma utilidade definida, pois o homem não o produz aleatoriamente sem saber para que serve; sendo assim, “para o corta-papel, a essência [...] precede a existência” (SARTRE, 2014, p. 18). Esta mesma configuração se aplicaria, então, ao existencialismo cristão, que tendo Deus como o criador, defende a ideia de que este

[...] quando cria, sabe precisamente o que está criando. Assim, o conceito de homem, na mente de Deus, é semelhante ao conceito de corta-papel na mente do fabricante [...] Dessa forma, o homem individual realiza um determinado conceito que existe no entendimento divino (SARTRE, 2014, p. 18).

Por outro lado, o existencialismo ateu defende que mesmo Deus não existindo, há um ser que existe antes de ser definido ou limitado por algum conceito; um ser cuja existência, de fato, precede à essência, ao contrário do exemplo anteriormente mencionado, e trata-se do ser humano ou, segundo Heidegger, da realidade humana. Mas o que significa, neste caso, que a existência precede a essência? Significa que primeiro o homem existe, nasce, para posteriormente construir sua subjetividade (sua essência), sem necessariamente obedecer a um modelo ou utilidade pré-determinada, como o corta-papel. Vejamos a definição apresentada por Sartre sobre esta máxima que

Significa que o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida. Se o homem, na concepção do existencialismo, não é definível, é porque ele não é, inicialmente, nada. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que ele se tornar. Assim, não há natureza humana, pois não há um Deus para concebê-la. O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência, como se quer a partir desse ele de existir, o homem nada é além do que ele se faz. [...] é isso também o que se denomina subjetividade, é esse o termo pelo qual nos criticam (SARTRE, 2014, p. 19).

Me detenho, agora, a um conceito necessário a esta pesquisa, apresentado por Kierkegaard, que o filósofo, já mencionado, Reynolds, cita em seu livro *Existencialismo*. Ele menciona que, para os filósofos existencialistas contemporâneos (situados no século XX), existem alguns temas fundamentais que os preocuparam, entre eles estão: a) morte, finitude e mortalidade; b) uma ênfase sobre autenticidade e responsabilidade assim como a tácita condenação de seus opostos (inautenticidade e má-fé); c) e, por fim, uma sugestão de que a

individualidade humana tende a ser obscurecida e negada pelos costumes sociais comuns da multidão.

Importa destacar que, mais adiante, será especificado como estes temas dialogam diretamente com a vida da personagem Ivan Ilitch, protagonista da narrativa aqui sob análise. Todavia, retomando a alternativa b, citada no parágrafo anterior, no que diz respeito à questão da autenticidade do homem, cujo foco do trabalho de Kierkegaard está centrado, Reynolds afirma que o dinamarquês

[...] está preocupado também com algo que diz respeito ao pensamento existencial mais recente: a distinção entre uma vida autêntica e uma vida inautêntica. Para ele, é a vida inautêntica que domina. A maioria das pessoas foge do desespero e da angústia da tomada de decisão para modos inautênticos de existência (REYNOLDS, 2013)

Diante destas conceituações e diferenciações entre os existencialismos existentes, vejamos, no tópico seguinte, a aplicabilidade das questões existenciais no que tange à vida do juiz de instrução. Observemos o quão inerente esta filosofia é ao cotidiano, à vida comum, e à questões internas acarretadas pela tomada de decisões ligadas à inautenticidade do homem diante de sua própria existência, fazendo com que isso torne-se uma bola de neve, criada pelo suprimimento das expectativas alheias e coletivas sobre o sujeito individual, em detrimento, é claro, de sua subjetividade, termo tão caro à filosofia existencial.

3.2 Mediocridade da vida na morte de Ivan Ilitch

Em princípio, a título de esclarecimento a respeito de como configura-se a narrativa, bem como a construção das personagens dela constituintes, farei um breve resumo da obra, retomando alguns pontos já mencionados na introdução desta pesquisa, bem como dando ênfase aos principais momentos e às principais passagens da história, incluindo os monólogos interiores (predominantemente existenciais) proferidos pela personagem protagonista, não deixando de lado, também, o papel de seu empregado, o ajudante de copeiro Guerássim, figura tão marcante no que diz respeito ao caráter humanizador existencial.

No que diz respeito à sua estrutura, esta novela existencialista apresenta-se por meio de uma narrativa *in ultima res*, termo concebido por Genette (1979, p. 15) que trata-se de quando “o discurso narrativo se inicia com a apresentação de um acontecimento que pertence ao desfecho da diegese”. Proceder deste modo permite a esta narrativa iniciar pelo final, tendo em vista que a primeira página situa o leitor diante da notícia da morte do juiz do Foro Criminal

Ivan Ilitch Golovin, aos quarenta e cinco anos; este fato, ao mesmo tempo, é também o desfecho da história, acarretado por um nó e um clímax, mais adiante especificados.

Sendo assim, contamos com a representação da vida de um burocrata que “foi das mais simples e comuns e, ao mesmo tempo, das mais terríveis” (TOLSTÓI, 2009, p. 7). A trajetória de Ivan pode ser a trajetória de qualquer um de nós, desde que a nossa liberdade de escolha nos coloque, mecanicamente, num lugar medíocre que nos leve a uma dor moral maior que a dor física. Usa-se medíocre, aqui, em seu real significado dicionarizado: aquilo de qualidade média, comum; mediano, modesto; postura moderada que ele adotou para si e seus feitos.

Passamos, então, para o momento do funeral, descrito nas primeiras páginas, onde já evidencia-se o interesse de seus colegas de trabalho em ocupar o cargo que era dele; não há, de fato, uma tristeza ou lamentação genuína pela perda de Ivan: nem da parte de seus “amigos”, tampouco da parte de sua esposa, que nem espera a finalização do enterro de seu falecido cônjuge para ir em busca de algo que garanta seu benefício financeiro por meio de alguma pensão. A este respeito, o narrador em terceira pessoa afirma que

[...] ao ouvirem a notícia da morte de Ivan Ilitch, o primeiro pensamento de cada um dos que estavam reunidos no gabinete teve por objeto a influência que essa morte poderia ter sobre as transferências ou promoções tanto dos próprios juízes como dos seus conhecidos (TOLSTÓI, 2009, p. 8).

Um fator relevante a ser mencionado é o de que para os colegas do defunto, ou seja, para aqueles que compunham seu círculo social de mesma classe, a morte é algo distante que ocorreu com Ivan mas, por sorte, não ocorreu a eles; é como se se tratasse de um acontecimento ao qual eles não estão vulneráveis, pois o “fato da morte de um conhecido tão próximo despertou [...] em cada um que teve dela conhecimento, um sentimento de alegria pelo fato de que morrera um outro e não ele” (TOLSTÓI, 2009, p.9).

Por outro lado, é gigantesca a discrepância da postura de Guerássim, que esteve com Ivan em seus instantes finais de agonia, sempre gentil e subserviente, diante da morte deste, ao ser questionado, por um dos colegas mais chegados ao morto, se sentia pena do defunto, ele responde que “É a vontade de Deus. Iremos todos para lá” (TOLSTÓI, 2009, p.9). O empregado mostra uma certa humildade inerente à certeza de que, assim como seu patrão, ele também irá morrer e todos os outros irão; ao contrário da classe alta que, como foco voltado ao consumismo materialista, não imaginam que aquilo tudo é efêmero, ou se imaginam, fingem não saber.

Em sequência, o leitor terá acesso à biografia de Ivan Ilitch, e passa a saber que ele era o orgulho da família, o segundo filho de três e o que se destacava. Nota-se, também, que desde jovem ele se deixava influenciar pelas maneiras da classe alta, sempre foi um admirador deste

grupo e visava traçar o mesmo caminho e ser altamente bem colocado socialmente. Sob um olhar mais atento, já é possível assimilar, aqui, traços da perda da subjetividade de Ivan, pois ele já ansiava pela reprodução daquilo que o coletivo julgava importante, sempre suprindo as expectativas alheias e jamais desagradando os outros; pior: no fundo, desagradava a si próprio, enganado.

Na faculdade, ele já era aquilo que seria no decorrer de toda a existência: um homem capaz, alegre, bonachão, comunicativo, mas um severo cumpridor daquilo que considerava seu dever; e considerava como seu dever tudo aquilo que consideravam como tal as pessoas altamente colocadas. Não era um adulator quer quando menino, quer já homem feito, mas, desde a idade mais tenra, era atraído, como o inseto pela luz, pelas pessoas altamente colocadas na sociedade, assimilava as suas maneiras, a sua visão da vida, e estabelecia relações amistosas com elas (TOLSTÓI, 2009, p. 18).

As mudanças que funcionam como marcadores do distanciamento da infância e da inserção na vida adulta, social e funcional vão, gradativamente, acontecendo. Conclui o curso de Direito, após alguns anos torna-se juiz de instrução, cuja função era desempenhada como deveria ser, tudo sempre de maneira muito previsível. Era um profissional que inspirava a consideração de todos; era decente e sabia separar a vida particular dos deveres funcionais. A ocupação do mais alto cargo do ramo judicial massageava, de certa forma, o ego do juiz. O exercício deste cargo era

[...] para Ivan Ilitch muito mais interessante e atraente que o anterior. Neste, era-lhe agradável passar com desenvoltura, em seu uniforme talhado por Charmer, junto aos solicitantes trêmulos que esperavam ser recebidos e aos outros funcionários, que o invejavam, diretamente para o gabinete do chefe, e sentar-se com ele (TOLSTÓI, 2009, p. 21).

As relações humanas contaminadas pelo materialismo burguês tecem a narrativa tolstoiana, e esta é uma forte característica da vida de Ivan Ilitch e do seu meio familiar e profissional, constituintes de uma sociedade capitalista desumanizada. O cargo de juiz muito contribuiu para a supressão da individualidade da personagem, que deu espaço à uma universalidade abstrata, bem como para a perda de sua essência, tendo em vista que esta passa por uma inversão de valores, distanciando-o da consciência e visão real dos fatos: um bom emprego, um casamento por conveniência e uma casa decorada à maneira burguesa pareciam, para Ivan, a satisfação de todas as suas necessidades humanas. Nada poderia ser mais importante que estes atributos.

Casou-se por conveniência. “Prascóvia Fiódorovna era de boa família nobre e nada feia”. Ele não a amava, mas “conseguindo tal esposa, fazia o que era do seu próprio agrado e,

ao mesmo tempo, executava aquilo que as pessoas mais altamente colocadas consideravam correto” (TOLSTÓI, 2009, p. 23). A convivência com sua esposa, a princípio até era agradável, mas foi tornando-se insuportável nos primeiros meses da primeira gestação, e Ivan encontrava no trabalho, na sua funcionalidade burocrática, a fuga para as desavenças matrimoniais, passando mais tempo no escritório que em casa. No mundo judiciário concentrou-se, para ele, todo o interesse de sua existência. Tiveram dois filhos, um casal, mas a relação entre eles era bastante superficial e de pouco contato.

Remetendo aos três temas citados no tópico anterior, importantes aos existencialistas contemporâneos, me detenho agora ao terceiro, que trata-se da negação da individualidade humana pelos costumes sociais comuns da multidão. O que foi sofrido por Ivan durante toda a sua vida, senão isto? “A vida de Ivan Ilitch continuava a desenvolver-se do modo que ele julgava adequado: agradável e decentemente” (TOLSTÓI, 2009, p.27). Ele julgava adequado genuinamente ou passou a querer assemelhar-se a um modo “ideal” socialmente desejado? Parece-me mais coerente a segunda opção, pois se a existência precede a essência, comprova-se que essa tendência da personagem se deu por pura influência externa, tornando-o cada vez mais despersonalizado: só mais um igual a tantos outros. Adotou, assim, uma postura passiva para a vida que o distanciou de sua individualidade subjetiva.

Provocando o rompimento da moderada linearidade cuja vida de Ivan tinha como base, pois acreditava que esta “correu da maneira pela qual, segundo a sua concepção, deveria correr: leve, agradável e decentemente” (TOLSTÓI, 2009, p. 33) ocorre um acidente doméstico que poderíamos considerar banal, se não fossem as consequências provocadas por este. Extremamente empolgado com a aquisição de um novo apartamento, no qual “havia o mesmo que há em casa de todas as pessoas não muito ricas, mas que desejam parecê-lo”, ele faz questão de participar dos detalhes da decoração: “subiu numa escadinha, a fim de mostrar ao forrador de paredes [...] como ele queria o serviço, tropeçou e caiu, mas, sendo forte e ágil, conseguiu segurar-se e chocou-se apenas de lado com o ressalto de uma moldura” (TOLSTÓI, 2009, p. 31).

Este momento do simples acidente doméstico sofrido por Ivan, ao cair de uma escadinha em seu novo apartamento, pode ser denominado como o nó da narrativa, pois proporciona a quebra da sequência percorrida desde o início de sua biografia. É a partir deste acidente que tudo tomará outra face e o leitor se deparará com a inquietude existencial da personagem mediante uma doença para a qual, nem mesmo o médico mais caro da redondeza, conseguiu atribuir diagnóstico e cura. A título de ratificação do que foi mencionado, vejamos que o nó diz respeito ao

[...] fato que interrompe o fluxo da situação inicial da narrativa, criando um problema ou obstáculo que deverá ser resolvido. O nó é o que dá origem ao conflito dramático de uma narrativa. Ele evidencia que só há uma história a ser contada, porque uma crise se instalou em determinada situação, exigindo que se tente resolvê-la de modo a reequilibrar o que ela desestabilizou (JÚNIOR, 2019, p. 44).

A família vivia muito bem. Formaram um círculo social excelente que lhes proporcionava visitas de pessoas importantes e jovens. “Gozavam todos de boa saúde. Não se podia chamar de doença o fato de Ivan Ilitch dizer às vezes que tinha um gosto esquisito na boca e certa sensação desagradável no lado esquerdo do estômago” (TOLSTÓI, 2009, p. 35-36). Tolstói nos apresenta, gradativamente, a evolução dessa sensação para algo muito grave, bem como o temor de Ivan de que aquilo pudesse ser algo importante. “Somente uma questão tinha importância para Ivan Ilitch: a sua condição apresentava perigo?” (TOLSTÓI, 2009, p. 37). Como veremos adiante, a resposta para essa pergunta é sim, pois

[...] aconteceu que esta sensação desagradável começou a aumentar e a transformar-se não ainda em dor, mas na consciência de um peso permanente do lado e em mau humor. Este mau humor, que crescia continuamente, começou a estragar o caráter da vida leve e decente que se instaurara um dia na família Golovin (TOLSTÓI, 2009, p. 36).

A partir de então, ocorre o desenvolvimento da crise instalada na vida do burocrata. Esse mal estar, essa dor, não estavam previstos para a sua vida, assim como todos os seus feitos estavam. Estaria Ivan se dando conta da perda do controle da situação e da sua vulnerabilidade diante de algo que existe fora do planejado; algo que escancara a quão efêmera e inútil é a aprovação alheia, diante de uma individualidade conflituosa, sobre a qual falarei a seguir. Sua perspectiva de vida torna-se decrescente e, após a consulta com um dos médicos procurados, “tudo lhe pareceu triste” (TOLSTÓI, 2009, p. 38).

A indiferença dos outros para com o seu problema lhe adoecia ainda mais. Era como se estivesse exagerando sobre o desconforto que sentia, ao passo em que tornava-se um peso para a família. “As pessoas de casa [...] ele via, não compreendiam nada e ficavam despeitadas porque ele estava tão triste e exigente, como se tivesse alguma culpa” (TOLSTÓI, 2009, p. 42). Esta indiferença alheia reflete como característica de uma sociedade interessada no poder de troca, consumo e serventia. Se, por ventura, Ivan não pudesse exercer sua função primordial, nada mais teria de útil. A sua dor, o seu sofrimento e sua angústia não passavam de um estorvo, algo de que ansiavam se livrar. Sua preocupação com seu estado enfermo, só aumentava. Após uma consulta médica ele

[[...]] concluiu que as coisas iam mal, embora isso fosse indiferente ao médico e talvez a todos os demais. E esta conclusão impressionou Ivan Ilitch morbidamente, despertando nele um sentimento de grande comiseração por si mesmo e de profundo rancor contra aquele médico, tão indiferente a uma questão de tamanha importância (TOLSTÓI, 2009, p. 38).

A consciência da possibilidade de finitude da vida, para Ivan, ainda era algo totalmente distante da sua realidade, assim como era para aqueles que assistiam ao seu funeral, nas primeiras páginas da narrativa. Era como se a engrenagem da vida não fosse finita, principalmente por se tratar de um homem praticamente perfeito, que fez tudo como deveria; um profissional respeitado, moderado e que nunca desagradou ninguém. Ele, temendo pioras, empenhou-se em seguir à risca as prescrições médicas, entretanto “[...] a dor não diminuía; mas Ivan Ilitch esforçava-se, a fim de se obrigar a pensar que estava melhor. E ele conseguia enganar-se, enquanto nada o perturbava (TOLSTÓI, 2009, p. 40).

O choque causado pelo reconhecimento de sua doença chega a ser comovente, bem como a sua transferência para um quartinho ao lado de seu escritório. Já não havia mais como continuar se enganando, como sempre fizera. A sua doença era grave e, a este respeito, um bom emprego, um casamento ideal e vínculos com pessoas tidas como importantes, em exatamente nada interferiam. O problema era exclusivamente seu e a sua rotina foi interrompida: a vida dos outros seguia normalmente “E era preciso ir para a cama com a consciência disso, acrescida de dor física e de horror” (TOLSTÓI, 2009, p. 43).

Não podia mentir a si mesmo: acontecia nele algo terrível, novo e muito significativo, o mais significativo que lhe acontecera na vida. E era o único a sabê-lo, todos os que o cercavam não compreendiam ou não queriam compreender isto, e pensavam que tudo no mundo estava como de costume. E isto atormentava Ivan Ilitch mais que tudo (TOLSTÓI, 2009, p. 41).

A situação se agrava paulatinamente. Como já era de se esperar, a doença também acarreta o detrimento do exercício de suas obrigações funcionais. A estranheza das suas relações familiares também se fazia presente no campo profissional, cujos colegas desejavam o cargo ocupado por ele. No tribunal, “[...] tinha a impressão de que prestavam atenção nele como alguém que, em breve, deixaria uma vaga.” (TOLSTÓI, 2009, p. 42).

Considerando a indiferença de todos à sua volta para com o seu sofrimento, Ivan se vê absolutamente sozinho diante do arruinamento de uma vida à qual ele tanto se empenhou para edificar. Tudo parecia vazio de sentido e coerência. “E sozinho tinha que viver assim à beira da perdição, sem nenhuma pessoa que o compreendesse e se apiedasse dele.” (TOLSTÓI, 2009, p. 44). As mudanças físicas causadas pela doença também já se faziam evidentes. Ao ouvir, por

acaso, o diálogo de sua esposa com seu cunhado, escutou da boca deste que ele era um homem morto e que em seus olhos, já não havia mais luz.

A dor física que o atormentava era abafada, mas sempre presente, nunca cessava, bem como os primeiros pensamentos ditos conscientes da morte que o sondava. Essa consciência de finitude se constituía discreta, mas constante, assim como a dor física. Em sequência, a personagem passa por fortes instantes de negação da morte e questionamentos a Deus; para Ivan, se ele viesse a não mais existir, nada mais existiria: se julgava muito importante e auto suficiente e indaga “Eu não existirei mais, o que existirá então? Não existirá nada. Onde estarei então, quando não existir mais? Será realmente a morte? Não, não quero” (TOLSTÓI, 2009, p. 47).

Os traços comuns à filosofia existencialista começam a se fazer presentes, mais predominantemente, a partir do desnudamento da real condição enferma de Ivan, o que acarreta a emergência da busca de um sentido que possa ser atrelado à vida que levou, bem como o desnudamento de seus pensamentos mais íntimos, confessados somente para si mesmo, enquanto está sozinho, como que num diálogo entre ele e uma voz espiritual interna, que também pode ser vista como a voz da consciência. Relutando os possíveis laudos médicos recebidos, ele diz que

O caso não está no ceco, nem no rim, mas na vida e... na morte. Sim, a vida existiu, mas eis que está indo embora, e eu não posso detê-la. Sim. Para quê me enganar? [...] Existiu luz e agora é a treva. Eu estive aqui e agora vou para lá. Para onde? [...] A morte. Sim, a morte. E nenhum deles sabe nem quer saber, e nem lamenta isso. Ocupam-se de música. [...] Para eles, tanto faz, mas também eles hão de morrer. Bobalhões. Eu vou primeiro, eles depois hão de passar pelo mesmo que eu. E, no entanto, estão alegres. Animais! Sufocava de raiva. Teve uma sensação penosa, torturante, intolerável. Não podia ser de verdade que todos estivessem condenados para sempre a este medo terrível (TOLSTÓI, 2009, p. 47).

Ele sofre como nunca imaginou sofrer. A doença lhe deixa em um estado totalmente dependente até para o exercício de seus hábitos de higiene pessoal. Esses momentos, para ele, são torturantes; todavia, indo de encontro às suas reclamações aqui já mencionadas sobre a ausência de alguém que se apiedasse dele, há o mujique que trabalha em sua casa: humilde, gentil, agradável e humanamente empenhado nos cuidados direcionados ao chefe da família Golovin. Guerássim é “a personalização das virtudes populares” (SCHNAIDERMAN, 2009, p. 78). O criado representa, então, o total oposto da sociedade na qual Ivan está inserido. Sobre a dor de Ivan

Guerássim era o único a compreendê-la e compadecer-se dele. E por isso Ivan Ilitch sentia-se bem unicamente na presença de Guerássim. Sentia-se bem quando Guerássim segurava-lhe os pés, às vezes noites a fio, e recusava-se a ir dormir [...] Guerássim era o único a não mentir, tudo indicava que era também o único a compreender do que se tratava, e que não considerava necessário escondê-lo, e simplesmente tinha pena do patrão fraco, em vias de se acabar (TOLSTÓI, 2009, p. 56).

Dos seus colegas de trabalho ou até mesmo de sua própria esposa, ele não podia esperar os cuidados recebidos do ajudante de copeiro. Ele “Fazia isto com leveza, de bom grado, com simplicidade e uma bondade que deixava Ivan Ilitch comovido” (TOLSTÓI, 2009, p. 55). O criado, certamente, não via o juiz apenas sob a sua função social, mas o via enquanto ser humano, alguém carente de atenção e acolhimento genuíno, desinteressado; em sofrimento, relutando diante da morte, sobre a qual o ajudante tinha a compreensão, ao contrário dos demais, de que é o caminho de todos: “Todos nós vamos morrer. Por que então não me esforçar um pouco?” (TOLSTÓI, 2009, p. 56).

Ainda a respeito do conforto que sua relação com o ajudante lhe trazia, o narrador onisciente narra um dos trechos mais sensíveis desta novela, no qual compreende-se, finalmente, diante da quebra do orgulho do juiz materializando-se em forma de confissão, que uma vida baseada no materialismo constrói seres humanos frios, supérfluos e carentes. O afeto, o cuidado e a atenção, vistos como banais no cotidiano de quem lhes têm como meras futilidades são, na verdade, atributos necessários à convivência humana, pois a ausência disso, principalmente num momento como o vivido por Ivan (à beira da morte) causam dor e fazem com que este beire o choro de uma criança pedindo colo à sua mãe, bem como faz despertar, possivelmente, o arrependimento de suas relações construídas à base de conveniências outras. Vejamos:

[...] o que mais atormentava Ivan Ilitch era o fato de que ninguém se compadecesse dele da maneira como ele queria: havia instantes, depois de prolongados sofrimentos, em que Ivan Ilitch queria mais que tudo, por mais que se envergonhasse de confessá-lo, que alguém se apiedasse dele como de uma criança doente. Queria ser acarinhado, beijado, que chorassem sobre ele, como se costuma acarinhar e consolar crianças. Ele sabia que era um juiz importante, que em parte já tinha uma barba grisalha, e que por isto seria impossível; mas, assim mesmo, queria. E nas suas relações com Guerássim, havia algo próximo a isto [...] (TOLSTÓI, 2009, p. 57).

Evidencia-se, também, a respeito da afirmação aqui já constituída de que a subjetividade de Ivan construiu-se sob um modelo externo e alheio, que, na infância, enquanto estava distante da sua inserção na vida adulta e funcional, ele detinha, certamente um caráter mais genuíno, desinteressado. De que valeram o cargo tão aclamado, o casamento com a moça de família

nobre, o apartamento decorado como a burguesia aprovaria, o vínculo com pessoas “importantes”? De nada. Agora, ele definhava sozinho, sem que nada pudesse ser feito. É possível levantar, então, a possibilidade de que, caso tivesse seguido aquela sua postura primeira, sem dar tanta relevância ao status de juiz; se tivesse buscado cativar amizades e relacionamentos sinceros, certamente não julgaria tão asquerosa e sem sentido à vida que levou. Este sentido, tão caro a Ivan, é formado pelas coisas mais simples e, simultaneamente, mais valiosas da existência humana.

Olhando para seu passado, ele lembra que “Lá, na infância, existia algo realmente agradável, e com que se poderia viver, se aquilo voltasse. [...] E quanto mais longe da infância, quanto mais perto do presente, tanto mais insignificantes e duvidosas eram as alegrias.” (TOLSTÓI, 2009, p. 67). De sua própria boca, sai, finalmente, o reconhecimento de que atender à opinião pública só serviu para fomentar o desmoronamento de sua própria vida.

E quanto mais avançava a existência, mais morto era tudo. “Como se eu caminhasse pausadamente, descendo a montanha, e imaginasse que a estava subindo. Foi assim mesmo. Segundo a opinião pública, eu subia a montanha, e na mesma medida a vida saía de mim... E agora, pronto, morre! (TOLSTÓI, 2009, p. 67).

Retomando, para fim de análise, os conceitos apresentados acerca da filosofia existencialista, visto que foi mencionada a diferença entre as doutrinas cristã e ateu, detenho-me, agora, à esta última, a fim de notabilizar as características comuns entre a edificação de uma essência (subjetividade) baseada na aniquilação da individualidade e do protagonismo de sua própria história, e os temas fundamentais que preocupavam os existencialistas contemporâneos, como a sugestão (citada no tópico anterior) de que a individualidade humana tende a ser obscurecida e negada pelos costumes sociais comuns da multidão.

O existencialismo ateu sustenta-se, também, na tese de que: se não há um Deus para criar o homem sob um modelo pré-estabelecido, como o caso da relação entre o corta-papel e seu criador, não existiria o que chamamos de natureza humana. Isso implica afirmar que, cada um de nós, ao existirmos, somos possuidores da liberdade de decidirmos o que queremos nos tornar. Dito isto, a decisão de Ivan Ilitch sobre o que fazer com a própria vida foi tomada, entretanto, sob um viés alheio e não autêntico.

A fim de ratificar que o juiz de instrução Ivan Ilitch Golovin tratava-se de um sujeito existencialista e ateu, esta pesquisa se debruça, agora, sobre os monólogos interiores verbalizados por ele, nos quais, sobretudo, além da negação da morte, ele questiona a existência Divina. Após Guerássim sair para o quarto vizinho “deixou então de se conter e chorou como

uma criança. Chorava a sua impotência, a sua terrível solidão, a crueldade dos homens, a crueldade de Deus, a ausência de Deus”. Outro marcador narrativo/textual que fortalece essa possibilidade, ocorre quando, mesmo fazendo questionamentos a Deus, o próprio Ivan anula a possibilidade de respostas, o que permite afirmar que, não havendo resposta, não há Deus: “Para quê fizeste tudo isto? Para quê me trouxesse aqui? Para quê, para quê me torturas tão horrivelmente?...” Ele nem esperava resposta, e chorava porque não havia nem podia haver uma resposta [...]” (TOLSTÓI, 2009, p. 66).

Após o nó da narrativa (a queda da escada ao decorar seu apartamento) que foi o responsável por mudar seu fluxo linear, o leitor é situado diante do auge do sofrimento de Ivan, caracterizado pelo ápice de sua dor física e moral, visto que “O doutor dizia que os sofrimentos físicos dele eram terríveis, e dizia verdade; mas os seus sofrimentos morais eram mais terríveis que os físicos, e nisso consistia a sua tortura maior”. (TOLSTÓI, 2009, p. 71). A este momento, podemos dar o nome de clímax que, segundo Júnior (2019, p. 13)

É o elemento que marca o auge do conflito dramático, momento do tudo-ou-nada entre as forças contrárias que agem e se defrontam na narrativa (geralmente representadas pelas personagens e pelos valores a elas ligados), engendrando e desenvolvendo a história. Diferentemente do desfecho, o clímax caracteriza um momento em que a expectativa em relação à resolução do conflito central da narrativa ignora qual das forças contrárias vencerá. O clímax, portanto, suspende, mantendo por instantes em tensão máxima, a história contada na narrativa.

O auge do conflito dramático é marcado por duas esferas: a física e a moral. A esta atribuem-se os questionamentos existenciais diante da conclusão de mediocridade da vida que levou; àquela, pode-se atribuir o quão temerosas eram as dores que sentia, não sendo mais suficiente o gemido, Ivan passar a gritar e, a partir de um determinado momento, em seus momentos finais “começaram aqueles gritos, que duraram três dias a fio, e que eram tão terríveis a ponto de não se poder ouvi-los sem um sentimento de horror, mesmo atrás de duas portas” (TOLSTÓI, 2009, p. 74).

Traçando os momentos finais, a narrativa encaminha-se para o desfecho que, de acordo com Júnior (2019) “É a resolução do conflito central da narrativa, momento em que uma das forças contrárias vence e se afirma sobre a sua oponente. Normalmente, liga-se à situação final da narrativa”. Neste caso, a personagem protagonista passa por uma espécie de redenção diante da verdade. A resolução do conflito marca-se por meio da aceitação de Ivan sobre ter se equivocado durante toda a sua vida no que diz respeito à fragilidade daquilo que ele tanto defendeu e julgou correto.

[...] podia ser verdade aquilo que lhe parecera antes uma impossibilidade total, isto é, que tivesse vivido a sua existência de maneira diversa da devida. Veio-lhe à mente que as suas veleidades quase imperceptíveis de luta contra aquilo que as pessoas mais altamente colocadas consideravam correto, veleidades quase imperceptíveis que ele imediatamente repelia, podiam ser justamente as verdadeiras, e tudo mais ser outra coisa. O seu trabalho, o arranjo da sua vida, a sua família, e esses interesses da sociedade e do serviço, tudo isto podia ser outra coisa. Tentou defender tudo isto perante si. E de repente sentiu toda a fraqueza daquilo que defendia (TOLSTÓI, 2009, p. 72).

Estando frente a frente com a morte, de maneira que nada mais poderia ser feito, Ivan conclui: “parto da vida com a consciência de que destruí tudo o que me foi dado, se não se pode mais corrigi-lo, que fazer então?” (TOLSTÓI, 2009, p. 72). Como de costume, após receber a visita dos familiares, bem como do médico e do criado (aquele que tanto lhe confortou em seus piores momentos), como que num ato de despedida, a sua mulher sugere a visita de um sacerdote para que lhe conceda a comunhão; e ele, arregalando os olhos, também como uma negação ao Divino, retruca “O quê? Receber a comunhão? Para quê? Não é preciso! Aliás... Ele rompeu em pranto” (TOLSTÓI, 2009, p. 73). Entretanto, mesmo assim, sua mulher dá seguimento a sugestão e, como num ato de relaxamento, de calma após tanto sofrimento, característico do desfecho

Depois que veio o sacerdote e confessou-o, ele amoleceu, sentiu uma espécie de atenuamento das suas dúvidas e, conseqüentemente, dos seus sofrimentos, e desceu sobre ele um minuto de esperança. Pôs-se novamente a pensar sobre o cego e a possibilidade de consertá-lo. Comungou com os olhos rasos d’água (TOLSTÓI, 2009, p. 73).

Após três dias de um sofrimento tortuoso, Ivan descansou no quarto. Aquilo que tanto o atormentava, estava desaparecendo. Era como se a morte e a dor não existissem mais. Ao contrário disso, ele sentia-se alegre e afirmava que, agora, havia luz. Por fim, “Acabou! - disse alguém por cima dele. (...) Aspirou ar, deteve-se em meio do suspiro, inteiriçou-se e morreu” (TOLSTÓI, 2009, p. 76).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui proposto detém a conclusão de que *A morte de Ivan Ilitch* é uma obra disposta a escancarar temas muitas vezes velados socialmente. É uma narrativa sobre a morte e também sobre a vida; é um drama que mostra a importância que depositamos em algo somente quando estamos prestes a perdê-lo; neste caso: a vida. Foi somente mediante à iminência da morte que Ivan Ilitch preocupou-se em construir um sentido para a vida que levou. Caso contrário, ou seja, se a linearidade da vida não tivesse sido interrompida pelo acidente doméstico, caracterizado como o nó da narrativa, causador da doença incurável, certamente Ivan teria continuado seguindo um caminho cuja indicação alheia julgava ser o adequado a ser traçado, em detrimento de quaisquer opções distintas.

Estar diante de uma doença sem cura, concebe diferentes maneiras de lidar com questões físicas e morais. Ivan Ilitch relutou contra a doença, negou a morte e, por fim, negou a vida: a vida que percebeu ter vivido de maneira contrária à devida. Em seus dias finais, ele se dá conta que deveria ter ouvido a si próprio, dado mais atenção às suas veleidades anuladas por ele mesmo e não apenas seguido o rebanho altamente colocado, no qual ele tanto se inspirara. Nota-se a importância de uma subjetividade baseada na própria autenticidade e autonomia sobre si e suas ações.

Nota-se, também, o papel atribuído às instituições sociais, como casamento, família e trabalho. Esses três pilares constituem uma forte contribuição às escolhas feitas por Ivan, bem como às decisões que tomamos, considerando a máxima existencialista de que somos condenados à liberdade. Evidencia-se que, no decorrer de sua vida, conforme ia distanciando-se de sua infância, a sua tomada de decisões em respeito dessas instituições se deu basicamente dentro dos requisitos decentes para a classe alta.

Ainda sobre aquelas instituições aqui mencionadas, no que se refere à terceira, conclui-se que a personagem protagonista, por ser frequentemente associada ao cargo que exerce, enquadra-se na categoria de personagem tipo, proposta por Júnior (2019, p. 7), que diz respeito

[[...]] aquela cuja identificação se dá, normalmente, por meio de determinada categoria social. A enfermeira, o pirata, o criminoso, o açougueiro, a adolescente, o estudante... são alguns dos possíveis exemplos. Se a personagem é caracterizada a partir de uma categoria social e se suas ações correspondem previsivelmente a tal categoria, confirmando os valores que socialmente lhe são atribuídos, estamos diante de uma personagem tipo.

O caráter existencialista ateu atribuído à Ivan Ilitch comprovou-se, como anteriormente já citado, por meio de suas próprias palavras, durante seus monólogos interiores,

nos quais ele confessava, apenas quando estava sozinho, coisas das quais se envergonharia se o fizesse diante de outrem. Os questionamentos existenciais mediante a conclusão de fragilidade de tudo que defendeu durante a vida; a assunção de sua carência no que se refere a alguém que se apiedasse e cuidasse dele como uma criança, bem como os indagamentos sobre a não-existência divina, tornam coerente tal assertiva a respeito do burocrata russo.

Não se pode deixar de mencionar, após este estudo teórico-analítico, a atualidade desta obra escrita no século XIX. O que representa mais a sociedade atual que pessoas empenhadas em construir relações por interesse e embebedas na ideia de ter uma vida considerada (na maioria dos casos, pelos outros) estável, cujo principal foco é a aquisição de um bom emprego, um bom apartamento, status e um olhar alheio sempre de aprovação? Não que a intenção, aqui, seja descartar a total relevância disto, mas a problemática é resumir a isto, toda a sua existência, deixando em segundo plano, como fez Ivan, a edificação de uma subjetividade autêntica. A este respeito, (SCHNAIDERMAN, 2009, p. 80) no posfácio dedicado a esta novela, afirma que “Toda a miséria da sociedade burguesa aparece então com uma veemência rara, ficando-se com a impressão de que ele está tratando de nossa vida hoje e não dos russos do final do século XIX”.

Conclui-se, por fim, diante da análise aqui executada, que é inegável a reflexão existencial que esta obra provoca no leitor. Já era tarde para Ivan quando este se deu conta de que não podia mais alterar o caminho já seguido, mas talvez ainda haja tempo para nós, de fazermos diferente, de deixarmos que a nossa essência, precedida pela existência, seja concretizada sobre uma base sólida de humanismo, e não de materialismo efêmero. Que nos atentemos ao valor que damos ao que a maioria dá; que nos atentemos à construção das relações à nossa volta, para que não façamos como Ivan, que mesmo rodeado de pessoas “importantes”, esteve só, quando mais precisou de amor, afeto e calor humano.

REFERÊNCIAS

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos?** (5a ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. "**Operadores de Leitura da Narrativa**". IN: "BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3.ed. Maringá: Eduem, 2009, pgs. 33-58.

LOTMAN, Iuri. **Sobre a literatura russa do período clássico**. Estudos Semios, São Paulo, vol. 14, n. 2, p. 1-11, julho, 2018.

REYNOLDS, J. **Existencialismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TOLSTÓI, L. **Uma confissão**. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

TOLSTÓI, L. **A morte de Ivan Ilitch**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.